

AS ORIGENS DO INDIVÍDUO

[1966]

Em carta enviada ao jornal *The Times* no dia 3 de dezembro de 1966, o dr. Fisher voltou a debater a questão: em que momento começa o indivíduo?¹ Seu interesse, claro, era discutir o ponto de vista católico apostólico romano segundo o qual aborto é assassinato. O ponto central da carta era afirmar que, sem dúvida, o nascimento é o momento óbvio em que a existência do indivíduo começa. Trata-se de um ponto de vista que pode ser compartilhado por muitos, mas parece que uma discussão do tipo demanda alguns pressupostos.

Eis, então, um conjunto de definições que pode ser útil, e cujo escopo sem dúvida pode ser ampliado. Precisamos, con-

1 Texto escrito em 1966 em resposta a uma carta escrita por Geoffrey Francis Fisher (1887-1972) ao jornal londrino *The Times*. Fisher foi arcebispo de Canterbury de 1945 a 1961, o cargo mais elevado da Igreja Anglicana. No período de seu mandato, ele presidiu o casamento e depois a coroação da rainha Elizabeth II e buscou a integração entre as várias Igrejas cristãs, tendo sido o primeiro arcebispo a se encontrar com um papa após a Reforma Inglesa de 1534. Ao se aposentar em 1961, foi nomeado barão Fisher de Lambeth. [N.E.]

tudo, aceitar que é necessário certo grau de economia no uso de ideias, mas também incluir referências a todos os fenômenos físicos e psicológicos relevantes.

1) “CONCEBER” Um bebê começa quando a ideia de sua existência é concebida. Criar mentalmente é algo presente na brincadeira de muitas crianças com mais de dois anos. É matéria-prima de sonhos e de muitas ocupações. Em algum momento após o casamento, a ideia de filhos começa a se formar. Não é necessário dizer que conceber a ideia de uma criança não significa gerá-la, e há um triste exemplo disso no conto “*Dream Child*” [Criança dos sonhos], em *The Essays of Elia* [Ensaio de Elia], de Charles Lamb.²

2) CONCEPÇÃO Trata-se de um ato físico. A concepção depende da fertilização de um óvulo e da fixação do óvulo fertilizado no endométrio do útero. Não existem casos conhecidos de partenogênese em seres humanos, a não ser na mitologia. Em casos

2 Charles Lamb (1775-1834) foi um escritor inglês do Romantismo, contemporâneo de Samuel Taylor Coleridge e de William Wordsworth. Trabalhou na Companhia das Índias Ocidentais até que sua irmã, Mary Ann Lamb, assassinou a mãe em meio a um colapso nervoso. Charles se negou a interná-la em um hospício e assumiu os cuidados dela até o fim. Juntos, escreveram diversas peças e recontaram muitos textos clássicos, de Shakespeare a Homero, adaptando-os para crianças. *Essays of Elia* é sua obra principal, que reúne contos publicados com o pseudônimo de Elia na *London Magazine* entre 1820 e 1825. Em “Criança dos sonhos”, um homem solitário conta para duas crianças histórias sobre seus antepassados. O conto serviu de inspiração para uma composição do músico inglês Sir Edward William Elgar (1857-1934). [N.E.]

raros, a concepção acontece fora do útero, na cavidade peritoneal. A psicologia da concepção pode ser de duas, uma, isto é, ou “conceber a possibilidade” se tornou concepção, ou a concepção foi um acidente. É provável, contudo, que sempre devemos associar a palavra *normal* com a ideia do bebê como um pequeno acidente, já que seria sentimental demais colocar tanto peso na ideia de uma criança ser concebida graças a um desejo consciente. Há, sem dúvida, muito a ser dito sobre a teoria da concepção como um pequeno acidente, com os pais surpresos no início, até mesmo incomodados com a enorme ruptura que isso representa na vida deles. É um desastre que só muda de figura em circunstâncias favoráveis, quando os pais, lenta ou rapidamente, se acostumam com a ideia de que esse era justo o tipo de desastre de que precisavam.

3) O CÉREBRO COMO ÓRGÃO O estágio seguinte nem sempre é bem definido e poderia ser dividido em dois subestágios. Seria lógico considerar o período exato em que se torna perigoso para a mãe ter rubéola, ou seja, por volta dos dois ou três meses de gestação, quando ocorre uma rápida sequência de transformações que leva à formação do cérebro. São coisas muito diferentes pensar em uma criança como um ser humano antes que haja cérebro e pensar em uma criança como um ser humano a partir do momento em que o cérebro se estabelece do ponto de vista anatômico. Esses argumentos, claro, não afetam em nada as pessoas que defendem com fervor a ideia de que o ser humano começa a existir no momento da fertilização do óvulo, quer ele seja implantado em meio propício, quer não. Pensar sobre isso envolve a discussão sobre se uma criança que nasce anencefálica é ou não um ser humano, e há um espaço infinito para discordâncias com relação ao status daquelas que apre-

sentam os diversos níveis de deficiências mentais e que têm por base as falhas de desenvolvimento do aparato computacional de cada uma. Na prática, não temos dúvida de que algumas crianças com deficiência intelectual são seres humanos, mas existem níveis de deficiência que nos obrigam a pensar em uma categoria que deixa determinados bebês fora dessa classificação. Qualquer discussão sobre a existência desse limite e sobre a posição das crianças com relação a ele desperta emoções fortíssimas.

4) PRIMEIROS CHUTES Entre os estágios 3 e 5 surge a primeira evidência de que o feto está “desperto e ativo”. Esse momento tão importante para os pais, entretanto, não faz parte desta lista de etapas, já que não é constante. Trata-se de algo que não tem um momento específico para surgir e que pode acontecer a despeito de certas falhas no desenvolvimento do tecido cerebral.

5) VIABILIDADE A partir de certo estágio, um bebê que ainda não nasceu pode ser considerado viável, no sentido de que, caso nasça prematuramente, possui chance de sobreviver. Essa chance de sobreviver depende em grande medida da provisão ambiental. Há bebês que nascem de seis meses e, por meio de cuidados médicos e de enfermagem intensos, alcançam um nível de desenvolvimento que parece similar ao que teriam se tivessem nascido na data prevista. Muito já foi dito sobre o histórico subsequente de crianças prematuras, mas, para os fins deste debate, devemos considerar que, se uma criança nascida de seis meses pôde crescer com saúde, então isso significa que, em teoria, a viabilidade se deu aos seis meses – para muitos, esse é um estágio relevante em qualquer debate sobre as origens do indivíduo.

6) A PSICOLOGIA SE TORNA SIGNIFICATIVA A partir de determinado estágio do desenvolvimento do ser humano saudável, ocorre uma mudança que só pode ser descrita como o acréscimo da psicologia à anatomia e à fisiologia. O cérebro como órgão torna possível o registro de experiências e o acúmulo de informações, e esboça a capacidade de diferenciar e de classificar fenômenos. Palavras como *frustração* começam a ter sentido, uma vez que o bebê já é capaz de reter na mente a ideia de que havia uma expectativa por algo, mas de que ela não foi satisfeita por completo. Com base nesse tipo de balanço descritivo, alguém poderia encontrar a prova da existência de um indivíduo antes do processo de nascimento. Esse é um tema polêmico em qualquer discussão, porém, o psicanalista, mais que qualquer outro observador atento, encontra-se em uma posição que lhe permite afirmar, baseado na experiência clínica, que a vida psicológica do indivíduo não coincide exatamente com o momento do nascimento. A maneira mais fácil de abordar esse problema é levar em consideração o contraste entre partos prematuros e pós-termo. É inevitável ao psicanalista concluir que a hora certa para o parto, do ponto de vista psicológico, é o momento a termo quando também fisiologicamente é chegada a hora de o bebê deixar o útero. É possível até mesmo formular a ideia de um parto normal, o que significa dizer um parto que acontece no momento certo da perspectiva do bebê, quando já existe organização mental suficiente para que ele consiga sentir o processo todo como algo natural. Seria complicado demais incluir aqui todos os tipos de traumas possíveis ligados ao parto, ainda que isso nos ajudasse a compreender esse tema tão complexo. É mais fácil considerar as enormes diferenças psicológicas que podem ser observadas entre bebês prematuros e pós-termo. Resumidamente, enquanto o bebê prematuro

vê a incubadora como um ambiente natural, para o bebê pós-termo – que talvez já tenha nascido chupando o dedo e frustado –, a utilização de uma incubadora é um erro. É possível falar longamente sobre esse assunto, contudo a principal conclusão é de que a afirmação do dr. Fisher sobre o nascimento ser a origem do indivíduo talvez precise ser mais bem elaborada.

7) NASCIMENTO O dr. Fisher escolhe, em sua carta, este momento – que talvez se refira mais a uma mudança na mãe, ou nos pais, do que no bebê. Fisiologicamente, as transformações causadas pelo parto são tão expressivas como bem conhecidas, mas isso não significa que algo tão crucial quanto a origem do indivíduo esteja de fato conectada ao processo de nascimento. Talvez essa noção deva ser deixada de lado neste tipo de debate. O principal fator que leva à inclusão do processo de nascimento nesta lista é a grande mudança de atitude que ocorre nos pais. O bebê poderia nascer morto, ou até mesmo um monstro, mas eis aqui o bebê, reconhecido por todos como um indivíduo.

8) EU/NÃO-EU A partir deste ponto, a fisiologia já pode cuidar de si mesma. Nela, incluem-se os fatores genéticos que determinam a tendência de amadurecimento no indivíduo, que, por sua vez, pode ou não ser afetada por processos físicos mórbidos. Ninguém duvidaria, por exemplo, que uma criança é um indivíduo se um caso de encefalite, por exemplo, causasse uma distorção no desenvolvimento de sua personalidade. O debate, dessa forma, adentra os domínios da psicologia. Entretanto, há dois tipos de psicologia. O que se chama de psicologia acadêmica se dedica a fenômenos físicos. A psicologia aqui relevante se debruça sobre os fatores emocionais, sobre o estabelecimento da personalidade e sobre a jornada gradual e graduada que vai

da dependência absoluta, passando pela dependência relativa, para chegar à independência. Muito disso depende da provisão ambiental, de modo que não é possível descrever um bebê ou uma criança pequena sem detalhar os cuidados que gradualmente se tornam desvinculados do indivíduo. Em outras palavras, os processos de amadurecimento facilitados de maneira extremamente complexa pelos seres humanos que cuidam do bebê conduzem a criança a repudiar o que é não-EU e a estabelecer o que é o EU. Há um momento em que, se a criança pudesse falar, diria EU SOU. Quando esse estágio é alcançado, ainda é necessário progredir para que ele seja estabelecido de forma consistente, pois de início há alternâncias, retomando contato com um estágio anterior, em que tudo ainda está fundido ou em que os diversos elementos ainda não se separaram uns dos outros. Na vida de toda criança existe um momento muito preciso, embora possa ser difuso do ponto de vista temporal, em que ela percebe a própria existência e algum tipo de identidade se estabelece – não na mente dos observadores, mas na mente da própria criança. Esse é um bom momento para começarmos a falar da origem do indivíduo, não obstante seja muito tardio do ponto de vista da prática religiosa.

9) OBJETIVIDADE Com todas as mudanças que fazem parte do crescimento do indivíduo, surge a capacidade da criança de gradualmente compreender que, por mais que a realidade psíquica interna seja pessoal – apesar de enriquecida pela percepção do ambiente –, existem, não obstante, esse ambiente e um mundo externo a ela que pode ser chamado de “concreto”. A diferença entre esses dois extremos é atenuada pela adaptação da mãe, dos pais, da família e de todos os outros que cuidam de bebês e de crianças pequenas, de modo que, com o passar do tempo,

a criança aceita o princípio de realidade e se beneficia muito quando consegue fazê-lo. Tudo isso é uma questão de crescimento, mas naqueles casos em que a provisão ambiental fornecida é confusa, isso nem sempre se desenvolve assim. Estamos novamente diante de um novo estágio, que, uma vez alcançado, oferece uma resposta óbvia para a pergunta: a criança já é um indivíduo?

10) CÓDIGO MORAL Entrelaçado em todos esses fenômenos, está o desenvolvimento de um código moral pessoal, um tema muito relevante para professores de religião. Nos dois extremos, há aqueles que não aceitam correr riscos e tentam plantar um código moral na criança desde o começo e aqueles que arriscam tudo para permitir que o indivíduo desenvolva um código moral próprio. A formação das crianças ocorre em algum lugar entre esses dois extremos, mas qualquer teoria da origem do indivíduo – para a sociedade e para os polemistas religiosos – precisa levar em conta o momento em que a criança passa a se sentir responsável pelas próprias ideias e ações.

11) O BRINCAR E A EXPERIÊNCIA CULTURAL Pode-se dizer que, como recompensa pela integração satisfatória das influências ambientais com os processos hereditários de amadurecimento, surge o estabelecimento de uma área intermediária, que se revela de extrema importância para a vida do indivíduo. Isso se inicia com aquele intenso brincar próprio das crianças pequenas e pode se desdobrar em uma vida cultural de infinita riqueza. Trata-se de algo, contudo, que pertence ao âmbito da saúde e que não se pode pressupor como um fato. Mas, tendo em vista que isso ocorre para a criança, é possível dizer que se trata de uma parte de importância vital daquele indivíduo.

12) A REALIDADE PSÍQUICA PESSOAL De acordo com suas experiências e com a capacidade de armazená-las na memória, o indivíduo desenvolve a capacidade de acreditar... ou de confiar. Conforme a provisão cultural em que está inserida, a criança será levada a acreditar nisso, naquilo ou em outra coisa, mas o alicerce é a capacidade baseada no acúmulo das experiências concretas e oníricas. Embora sejam de suma importância para descrever o indivíduo, esses temas são sofisticados demais para serem incluídos neste debate sobre quando se dá o início do indivíduo. Entretanto, imaginamos que qualquer pessoa interessada pelas origens também gostaria de saber até onde o indivíduo pode chegar em termos de crescimento humano.

Fonte:

Winnicott, W. Bebês e suas mães. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 160p.